

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.**

**AS TARTARUGAS VISITAM OS HUMANOS: ALEGORIAS DE APROXIMAÇÕES ENTRE HUMANOS E NÃO-HUMANOS.**

*Pedro Lukas Trindade De Freitas* (graduado em Ciências Sociais - UFES)

**Resumo:** O presente trabalho se propõe a explorar em forma de ensaio algumas peculiaridades como a interação com entes não-humanos encontradas em trabalho de campo e colocar em discussão algumas reflexões surgidas a partir do trabalho etnográfico realizado numa pesquisa sobre o Tamar, envolvendo as tartarugas, estagiários e o pesquisador/observador. Faço um esforço de reflexão procurando explorar não só os humanos, mas também os não-humanos como reais interlocutores, umas vezes que estes estão associados (Latour, 1994). Tendo como ponto de partida uma etnografia das técnicas e técnicos do projeto de conservação em questão, bem como uma breve análise de um desenho animado, tomado em sua semelhança com um mito, busquei seguir os movimentos das tartarugas, meu objeto-sujeito de pesquisa, e tecer alguns relatos que abordem as aproximações e distanciamentos entre tartarugas e humanos; e entre a natureza a cultura.

**Palavras-chave:** etnografia da ciência; natureza-cultura; Projeto Tamar.

### **Introdução**

Em 2014 concluí uma monografia sobre um programa de conservação ambiental que trabalha com as tartarugas-marinhas ao longo do litoral brasileiro: o Projeto Tamar. Procurei naquele momento analisar a atuação conservacionista e política; a produção tecnocientífica; e os vínculos subjetivos que os pesquisadores vinculados direta ou indiretamente ao projeto Tamar estabelecem com as tartarugas marinhas e com as comunidades costeiras – no caso, a vila de pescadores de Regência, em Linhares, ES. À luz da antropologia da ciência (Latour, 1994) busquei seguir alguns vínculos entre cientistas, a comunidade local, os técnicos do projeto de conservação e as tartarugas. Como é de praxe do trabalho em antropologia eu mesmo me envolvi de alguma maneira nestes vínculos e em decorrência das diferenças de natureza (e de cultura) dos entes que foram meus nativos, penso que uma série de considerações podem ser feitas sobre o trabalho etnográfico, levando em conta, por exemplo, as discrepâncias entre as crenças e normas e o comportamento real, como sugere J. Van Velsen (1987) na *análise situacional*. Nesse sentido, me atentei para as condições de trabalho de campo, onde foi importante não somente o relacionamento com os técnicos do projeto e os cientistas - meus nativos – mas

## **I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.**

com os entes não-humanos que compunham o trabalho de campo deles, em especial as tartaruga-marinhas.

Nos recintos onde se desenvolvem as ações da biologia da conservação pude identificar seres, agências, e políticas que em principio poderiam ser consideradas animistas em demasia, e portanto, desapropriadas para o âmbito naturalista onde ocorrem. Durante a pesquisa foram se evidenciando varias possibilidades de existências, modos de vida, ou mundos possíveis que extrapolam as noções correntes na cosmologia ocidental científica.

Outro ponto é como a interação que ocorre em campo é em si uma possibilidade de feitura do mundo a partir do engajamento dos entes em movimento. Observadores e observados, dentro de uma perspectiva dialógica co-formam a si mesmos e um espaço simbólico compartilhado, e nem por isso menos real, a partir das associações que participam e estimulam.

Como então produzir relatos e textos em antropologia que deem conta destas associações e engajamentos que não se dão entre seres purificados ou prontos, mas em constante diferenciação?

### **Considerações**

No que diz respeito às sociocosmologias ameríndias, Sztutman afirma que não “devem jamais ser concebidas como desvinculadas da prática, ou seja, devem ser antes concebidas como cosmopraxis” (2009, p. 2). É daqui que podemos pensar o papel e peculiaridade do método etnográfico que, no sentido em que me aproprio aqui, parece-me antes uma descrição da vida/cotidiano tal como é exercida, do que como ela é entendida. Na primeira parte deste ensaio procuro explorar este argumento de que a antropologia seria um estudo cosmológico (cosmopratico), mais do que metafísico.

Ensaio aqui o uso deste arsenal epistemológico tradicionalmente usado para estudar ‘os outros’, os não-modernos, para a partir disso tecer algumas reflexões das consequências encontradas do uso desse método para o estudo de nossa cosmologia científica. Em outras palavras, a pergunta que resume minha proposta é: o que acontece se eu olhar nossa própria cosmologia para além da metafísica, por tanto enquanto ‘cosmopraxis’?

# **I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.**

Tendo feito essas considerações questiono: quais potenciais existem em tecer uma narrativa (etnográfica) que considera as operações animistas que ocorreriam no interior de sistemas naturalistas? No limite, minha pergunta seria, ‘e se eu descrever as tartarugas como se fosse gente?’.

Um dos argumentos para aproximar experiências similares entre cosmologias em princípio tão distintas (ameríndias e a nossa) é a partir de Roy Wagner (2012), apostando que em ambos os casos ocorrem mesmos tipos de relações, com a diferença de que em um caso elas são evidenciadas pelo coletivo, ao passo que na outra é mascarada.

A fim de tentar lidar com esse questionamento busco produzir na forma de *metáfora* ou *alegoria* (GOLDMAN, 2011) alguns relatos de episódios ocorridos durante minha pesquisa etnográfica. Um deles diz de um evento singular que me foi narrado durante a pesquisa e que no trabalho de monografia chamei de “o caso da tartaruga louca”, onde procurei enfatizar alguns aspectos antropomórficos do comportamento de uma tartaruga observada por técnicos do Tamar em Regência. Retomo brevemente este caso como ponto de partida para narrar um outro evento inusitado que foi a abertura de um ninho de tartaruga na praia de Itaparica – local situado no litoral urbano onde até então não havia registro algum de desova.

Os relatos expostos procuram abordar o evento ressaltando as discussões ontológicas, e se aproximam de uma linguagem mítica, no sentido de que enfatiza as *condições intensivas* (VIVEIROS DE CASTRO, 2007) do evento.

## **1 - Pensar e Viver**

Durante a confecção de minha monografia no curso de ciências sociais uma oposição entre dois polos pareceu tencionar meu pensamento e me custou certo esforço para entender do que se tratava. Grosso modo essa tensão decorria de dois momentos diferentes dos quais me conduzia a também dois modos de interpretar, por assim dizer, meus dados. Num primeiro momento eu, na trilha da antropologia dos modernos, buscava ler e analisar publicações mais técnicas e científicas que poderiam estar relacionadas de algum modo

## **I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.**

com o projeto de conservação que eu estudava: o projeto Tamar. Neste ínterim, eu lia projetos de pesquisa e artigos científicos sobre tartarugas marinhas de diversas instituições.

A partir disso o que me conduzia afinal era *pensar* o que, ou como, os cientistas e técnicos *pensam* as tartarugas. Procurando seguir os preceitos dos estudos das ciências inspirado em Latour (1994), na medida em que percorria as redes de colaboração da tecno-ciência, o que eu vinha encontrando em geral eram os mecanismos de objetivação, ou *purificação* (LATOUR, 1994), destes seres da natureza. O primeiro polo de tensão com que me deparo então é o decorrente de como opera a formação do pensamento, ou antes dos objetos do pensamento, dentro da cosmologia naturalista.

O ponto a que cheguei naquele momento foi algo como uma ‘Tartaruga-institucional’ (FREITAS, 2014), ‘boa pra pensar’, por assim dizer, naquilo que estabelece uma descontinuidade sobre o real. Isso na prática significa que o processo de purificação do animal, repercutia nas políticas de conservação traçando fronteiras (físicas mesmo), instanciadas, por exemplo, como Unidades de Conservação, visando a constituição de territórios: de um lado territórios humanos e de outro territórios naturais.

Pois bem, foi num segundo momento de minha pesquisa que o outro polo de tensão se fez mais evidente. Foi durante os trabalhos de campo. Nesse momento eu vinha tentando contrapor o ‘modo de pensar’ dos biólogos da conservação com sua prática nos trabalhos de campo deles. O campo foi para mim uma espécie de imersão em um campo de forças, experienciada intensivamente. Afecções atravessavam os corpos, e me pareciam ser mais relevantes do que um modo de classificação ou identificação. Na medida em que eu adentrava o campo uma outra forma de conhecer se tornava mais nítida para mim. Como coloca Viveiros de Castro:

“o conhecer não é mais um modo de representar o (des)conhecido mas de interagir com ele, isto é, um modo de criar antes que um modo de contemplar, de refletir, ou de comunicar. A tarefa do conhecimento deixa de ser a de unificar o diverso sob a representação, passando a ser a de ‘multiplicar o número de agências que povoam o mundo’ (Latour)”. (VIVEIROS DE CASTRO, 2007,p.96)

# **I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.**

Ali então, no campo, eu encontrava algo que transgredia as pretensões da ‘constituição dos modernos’ (LATOUR, 1994). Mesmo estando no interior de uma cosmologia naturalista havia ali algumas operações ditas animistas. O caso que relatei como exemplo, em meu TCC dizia de uma anedota contada sobre o comportamento inesperado de uma tartaruga que havia subido à areia para desovar. Chamei de ‘o caso da tartaruga-louca’ o que se tratava de uma narrativa cercada de afetos na relação entre técnicos estagiários e a tartaruga, de modo que, segundo propus, o encontro em questão entre humano e não-humano se dava em um plano que extrapola as noções correntes de humanidade e animalidade.

Assim essa primeira oposição entre *pensar* e *viver* me conduzia a uma segunda dicotomia decorrente da primeira: o *contínuo*, que eu observava através da imersão nos afetos do campo de um lado, e do outro a *descontinuidade* entre os elementos do pensamento que operavam a efetuação de políticas da natureza. Se num primeiro momento minha abordagem conduzia a perceber a descontinuidade eu-outro; ao experimentar as relações no trabalho etnográfico eu encontrava a peculiaridade oferecida pelo campo, qual seja, perceber as continuidades eu-outro, já que ali eu mesmo era relativizado, de modo que ‘eu’ já não era ‘eu mesmo’, senão já outro - bem como meus nativos, os estagiários e suas ‘tartarugas loucas’.

## **2 - Contínuo e Descontínuo**

Em uma entrevista Philippe Descola atenta que na cultura visual do Ocidente, em certos casos, as imagens “prefiguraram transformações ontológicas que os textos só deixam explícitas muito mais tarde” (CAMPOS; DAHER, 2013, p.20). Tendo em vista que os mitos contam de um tempo em que humanos e o que tratamos por não-humanos eram indistintos, se comunicavam entre si (LEVY-STRAUSS, 2009, p.211; SZTUTMAN, 2009, p.2), e levando um pouco a sério a ideia de que “os mitos parecem desenho animado” (LAGROU; BELAUNDE, 2011, p.24), gostaria tomar o desenho animado como cultura visual e narrativa mítica ao mesmo tempo. Meu convite então é para olharmos para o desenho animado das ‘tartarugas mutantes ninjas’, ressaltando algumas características específicas. Reconhecendo que cada uma delas poderia ter sua análise mais longamente

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.**

estendida, aqui apenas as pontuo a fim de levantar a discussão sobre a possibilidade de se tomar o desenho como mito.

O primeiro ponto é a distinção das condições de humano e animal, e como ela aparece no caso dos personagens principais. O enredo da série conta a história de quatro tartarugas (de estimação) que foram abandonadas e tendo chegado ao esgoto entram em contato com um resíduo de laboratório que provoca um crescimento extraordinário de seus corpos e intelecto. Um rato as encontra e resolve adotar aquelas tartarugas. O contato com elas também o ‘contamina’ de modo que o rato também se desenvolve da mesma maneira prodigiosa que as tartarugas. O rato havia sido um animal de estimação de um mestre em arte marcial ninja, e na medida em que crescem o rato transmite suas técnicas ninjas às tartarugas, que se tornam seus filhos.

No caso das cosmologias ameríndias:

“os mitos falam de um tempo em que ‘os animais eram gente’ e deixaram de se-lo. Falam tanto de uma glória – a aquisição da cultura pelos homens – quanto de uma tragédia – a perda de comunicação ente os homens e os outros seres (animais, plantas e espíritos). As mitológicas [de Levy-Strauss] referem-se, em suma, a uma passagem da natureza para a cultura, mas que nunca se completa” (SZTUTMAN, 2009, p. 9)

Aqui é interessante notar, como no caso do enredo de ‘tartarugas ninjas’ tudo se passa num contexto onde originalmente o que caracterizava a relação entre os seres humanos e não-humanos é justamente a distinção radical, ou distanciamento comunicativo, entre estes polos. O evento significativo do enredo então parece ser de que os animais ‘se tornaram gente’, e não ‘deixaram de se-lo’ como nos contos ameríndios. Aponta então para uma relação de não-comunicação seguida da possibilidade de comunicação.

Dentro do reino animal as tartarugas são um daqueles representantes que mais expressam uma ‘passividade’/‘inércia’. São seres lentos (lembramos-nos da fábula da lebre e a tartaruga), que em geral não apresenta alguma individualidade, como vemos em um cachorro por exemplo, e em geral não são de praxe espécies companheiras, nem consideradas muito inteligentes.

## I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

Ora, as ‘tartarugas mutantes ninjas’ parecem quase um oposto simétrico à isso. ‘Mutantes’ parece caracteriza a aproximação de corpo (fiscalidade) e alma (interioridade) – seus nomes inclusive são de grandes nomes da cultura/arte renascentista: Michelangelo, Donatelo, Rafael, Leonardo. O adjetivo seguinte, ‘ninjas’, não menos surpreendente, parece apontar para o alto grau de agencia de que dispõe como técnica aprendida. Contudo, na medida em que elas se desenvolvem no sentido de se aproximarem da humanidade, desenvolvem também essas ‘técnicas ninjas’. No início do primeiro filme as ‘tartarugas ninjas’ chegam em casa anunciando ao Mestre Splinter que tiveram a sua primeira batalha. O mestre pergunta se eles foram vistos, eles respondem negativamente. O mestre faz então uma recomendação muito importante:

“[...] isso vocês nunca podem se descuidar. Mesmo aqueles que seriam nossos aliados não entenderiam. A sombra é o nosso reino, e vocês só devem sair dela com relutância, mas quando o fizerem ataquem com decisão e desapareçam, sem deixar vestígios. [...] Eu sei que é difícil pra vocês aqui, no subterrâneo, e é difícil aceitar isso como parte de suas vidas. Suas mentes de adolescentes são amplas e com vontade, mas vocês nunca devem parar de praticar a arte ninja: a arte da invisibilidade!”<sup>1</sup>

Dessas capacidades ninjas diríamos que são os próprios personagens que ‘mediam’ ou dosam suas interlocuções com o mundo humano – portanto são agentes nesse sentido – na medida em que intervém no mundo, na superfície - combatendo o crime - , mas agem sem se apresentarem de fato, ou seja, o que aparecem são seus efeitos no mundo.

Para falar como Roy Wagner, as Tartarugas-ninjas atuam como um elemento diferenciante produto da ‘obviação’, ou seja, da fusão entre os contextos natural e cultural, ou ainda entre sujeito e objeto, que irrompe onde se tem por convenção uma *descontinuidade* evidente entre estes domínios. Roy Wagner coloca que “o elemento que contrasta com o convencional [...] não deve ser simplesmente assimilado ao leque das coisas ‘autoevidentes’ no mundo [...], embora certamente as inclua.” (WAGNER, 2012, p.123) e continua:

---

<sup>1</sup> Palavras do personagem ‘mestre Splinter’ no primeiro filme ‘As Tartarugas Ninjas – o filme’ de 1990. Ver <https://www.youtube.com/watch?v=dmhVXjkvjlo>; acesso em 09/09/2015

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.**

“[...] a tendência do simbolismo diferenciante é impor distinções radicais e compulsórias ao fluxo da construção; é assimilar uns aos outros os contextos contrastantes dispostos pela convenção. ‘Invenção’, [...] é o obviador (*obviator*<sup>2</sup>) dos contextos e contrastes convencionais; de fato, seu efeito total de fundir o ‘sujeito’ e o ‘objeto’ convencionais, transformando um com base no outro, pode ser rotulado ‘obviação’ (*obviation*<sup>3</sup>).” (WAGNER, 2012, p. 124)

Até aqui as coisas se passam como se esse tema da ‘cultura com os não-humanos’ fosse a questão central desse pretenso mito-desenho-animado. Ao invés de falar então da aquisição da cultura pelos humanos, o tema aqui seria a aquisição de cultura pelos não-humanos.

Apontando brevemente outros dois aspectos do enredo, a saber, a ‘residência’ e o ‘alimento’, vejamos mais que outras correlações podemos encontrar sobre essa temática.

O lar de nossos personagens é o subterrâneo de uma cidade, ou seja, o esgoto. Os restos soterrados, e também sorrasteiros, das operações, as mais diversas, da superfície. Estes seres são residentes de um submundo repugnante o qual fazemos questão de não perceber, de tornar ‘invisível’. Esses fluxos de dejetos subentendidos a toda grande formação materializada de moradas culturais, a cidade, em geral, tratados ou não, são despejados no fim, nos mares. Aqui os correlatos com a realidade são imediatos quando se pensa nas mutações dos corpos dos animais causada pela influencia antrópica como no caso de tartarugas presas em materiais plásticos, ou ainda devido a doenças como a ‘fibropapilomatose’ (BAPTISTOTTE, 2007).

---

<sup>2</sup> <sup>3</sup>, Parênteses no original.



**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.**



Figura 1: fonte: <http://www.ambientelegal.com.br/wp-content/uploads/oceanoplasticos4.jpg>



Figura 2: fonte: <http://marsemfim.com.br/wp-content/uploads/2014/10/tartarugas-com-tumor.jpg>

Enquanto que os contatos com agentes antrópicos deformam e transmutam os corpos, os alimentos aparecem em sua constituição. Em entrevista com Viveiros de Castro, o autor ressalta a importância daquilo que se come enquanto uma operação metafísica:

“o perspectivismo indígena passa pela boca tanto quanto pelos olhos: seu “problema” é saber quem come quem. E como quem come vê, e é visto, por quem é comido, e vice-versa. Eu vejo tal coisa como comida, essa coisa me vê como comedor, e assim por diante. O perspectivismo faz parte dessa ontologia oral-canibal que é pan-amazônica, talvez pan-indígena, talvez pan-humana: “quem come quem” (predador vs. presa), “quem come como eu como” (congêneres), quem come com quem” (comensal, parente, aliado), “quem dá comida para quem” (pais e filhos, donos e animais de estimação), “ Enfim, comer é uma operação física e metafísica fundamental. Parente é aquele que come comigo - a comensalidade. Toda a teoria do parentesco passa por isso: quem é que me dá de comer, a quem eu dou de comer, o que eu não posso comer porque um parente está doente etc...” (BÜLL, 2014, p. 156)

# **I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.**

Portanto, ‘o que’ e ‘com quem’ eu como, assume fundamental relevância para a perspectiva, para o corpo, daquele que come. É enfático no enredo de ‘as tartarugas ninjas’ sua preferência por um alimento especificamente humano: a pizza.

Por ai vamos vendo que as aproximação humano-animal, aqui no caso do nosso mito-desenho experimental, se dá por diversas frentes. Não há, por hora, condição de adentrarmos mais a fundo nessas correlações entre mito e cosmologia moderna. Gostaria aqui de inicio apenas atentar para a possibilidade dessas correlações, e sugerir a pergunta: afinal o que o corpo tem a ver com comunicação? Voltemos a Sztutman e vejamos o que ele diz dessa relação entre os ameríndios:

“... se o espírito é o lugar da comunicação metafísica entre todos os existentes, os corpos fazem-se lugar da diferenciação, da singularidade, da especiação. Em vez de pensar categorias puras, polares, os ameríndios pensariam em termos de diferenças intensivas, internas.” (SZTUTMAN, 2009, p.12)

A questão que parece se delinear daqui é: em que medida poderíamos dizer que uma similaridade ou aproximação de corpos produz alguma comunicação (intensiva), já que a diferença entre os corpos é o lugar da singularização?

### **3 - Um Breve Experimento: As Tartarugas Visitam Os Humanos**

Dando sequencia a nosso exercício passemos a observar agora as aproximações, encontros e desencontros, invasões ou visitas numa situação não mítica. Interessante, notemos, que do ponto de vista das políticas de conservação a perspectiva é a de que o homem invade os espaços naturais, poluindo e atrapalhando os processos ecológicos naturais. Por outro lado, nos espaços onde se realiza a pesca (ainda mesmo que proibidos por leis ambientais), de certa forma espaços “antropológicos”, é a natureza quem invade se emaranhando nas redes humanas (e dos humanos) atrapalhando os processos antropológicos (relativo a cultura da pesca, ou a pesca enquanto atividade cultural ou tradicional) e mercadológicos (enquanto processo produtivo de bens). Até aqui tudo se passa como se a contaminação entre natureza e cultura tivesse mão dupla, uma vez que a natureza invade os domínios antropológicos por convenção, e vice-versa!

## **I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.**

Pois bem, em Fevereiro de 2014, na cidade de Vila Velha - ES, uma tartaruga-gigante inusitada se dispôs a uma tal invasão, ainda que sido recebida como visita. Fui acompanhar o evento de abertura do ninho na época, e escrevi o pequeno relato que se segue: “Desovou na praia de Itaparica, onde até então não se tinha notícia de um acontecimento desse tipo. Muitos foram formar plateia para a abertura dos ninhos – uma cesariana. A dona gigante deve ter ficado bem orgulhosa de sua visita inusitada ao mundo civilizado. O nascimento de seus filhotes foi muito bem assistido, aliás, por técnicos especializados, que dispunham de toda sorte de objetos para realizar o parto e a partida das tartaruguinhas para o oceano: Luvas para o manuseio dos bichinhos (permitido apenas aos especialistas do Tamar), fitas para conter a plateia aflita que assistia ao evento e fotografava incessantemente; uma caixa de plástico foi usada para levar os recém-nascidos do ninho até a beira d’água sem maiores percalços; enquanto uma moça cuidava ainda para que não pisássemos a restinga, afinal tínhamos que causar uma boa impressão às nossas visitantes antes que partissem. Várias pessoas da imprensa foram registrar o evento. Muitos filhotes de nossa própria espécie foram conhecer pela primeira vez as pequenas tartarugas-gigante, com a promessa de que a partir de então receberiam novas visitas da mamãe-gigante, que voltaria provavelmente no ano próximo ou no seguinte para trazer à luz novas tartaruguinhas. Foram todos muito bem instruídos pedagogicamente para sempre acolherem cordialmente as novas visitantes, que passariam a visitar nosso quintal praiano provavelmente nos anos seguintes. Agora as criancinhas nem precisam “sair de casa” para conhecer a natureza”.

\*\*\*

Enquanto eu realizava meu próprio trabalho de campo, o trabalho de campo de meus nativos mostrava que ‘fazer campo’ é ‘fazer mundo’, é ‘fazer corpos’; o que me diz também do ‘campo’ da antropologia. Com este breve relato procurei tecer (ou antes evidenciar) pequenas ‘continuidades’ entre os seres que então eu observava em campo.

Da importante relação entre mundo (o real) e o pensamento Viveiros de Castro comenta sobre Levy-Strauss:

“A ideia do dualismo em desequilíbrio, com a qual Lévi-Strauss caracteriza a mitologia gemelar da América, é absolutamente central, porque tira do dualismo de Lévi-Strauss seja a interpretação estática e equipolente, seja a

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.**

interpretação dialética que implica uma síntese conciliatória. A interpretação do dualismo ameríndio por Lévi-Strauss é que se trata de um dualismo interminável: toda divisão é imperfeita, deixa um excesso, cria um suplemento, e esse excesso ou suplemento está no real, é o real. É aqui que está, penso, o cerne da metafísica de Lévi-Strauss: na ideia de que o real é precisamente o que excede o pensamento. O pensamento tenta capturar o real com uma malha, uma grade binária; essa grade, essas discriminações categoriais ou classificatórias nunca conseguem partir o bolo exatamente no meio; para corrigir essa diferença, o ligeiro excesso sobra para um lado ou outro, o pensamento corta em outra direção; e jamais consegue uma divisão equitativa de todas as partes. Parte-se do mundo para o pensamento, parte-se o mundo para o pensamento; mas não se volta jamais ao mesmo mundo a partir do pensamento, o mundo partido para o pensamento não se recompõe jamais inteiramente.” (LAGROU; BELAUNDE, 2011, p.18)

Para concluir, minha intenção com esta exposição foi tentar aproximar *pensamento e vida; objeto e experiência*; já que na academia o risco que se corre é separar demais as coisas, ou seja, ‘viver a vida’, e ‘pensar o pensamento’: (purificar); como se *viver e pensar* fossem então domínios desarticulados. A lição que trago do campo seria, portanto, ver o que acontece ao ‘pensar a vida’; ‘viver o pensamento’ (hibridizar). Outro resultado parcial que trago do campo foi então algo como um devir-tartaruga que me atravessou enquanto digitava meu TCC:

“Escrevendo minha monografia, penso que acabei me tornando um pouco o meu próprio objeto. Meio tartaruga eu, não conseguia passar muito tempo longe do mar, da água... meus movimentos se tornaram lentos, e mesmo lesados fora d’água, mais graciosos porém quando submerso. Com alta capacidade para mergulhar neste mundo aquático só voltava a superfície em poucos intervalos esparsos e logo retornava, mergulhando... Nestes pequenos intervalos é que eu jogava pra fora o que vislumbrara ali embaixo. Encontros de enamoramentos me fertilizavam e me conduziam ao solo de areia, a realidade, onde, não sem alguma dificuldade, colocava [digitava] meus ovos para nascerem, brotarem ideias da areia e viver... Mas parece, o instinto natural era sempre o de retornar as profundezas oceânicas. Lá, onde não há trânsito, mas correntes; não há construções, mas formações de

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.**

todo tipo; não há partidos, são cardumes e multidões; não há discursos, são cantos cetáceos; nem iluminação, mas brilhos; não há leis, e sim desejos... Assim como é difícil para um ser marinho subir à terra, também me foi árduo essas vindas à essa superfície da realidade; mas igualmente necessário para que o ciclo de fertilidade se cumprisse. Neste momento estou botando meus ovos, e alguns técnicos virão contar o número de minha ninhada, medir meu casco, e me classificar com uma marcação que me identifique onde quer que eu vá, em superfície... Para além disso, meu lugar mesmo é o mar...!”

**Bibliografia:**

BAPTISTOTTE, C. “Caracterização espacial e temporal da fibropapilomatose em tartarugas marinhas da costa brasileira”. 2007. 99f. Tese (Doutorado em Ecologia Aplicada). Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo.

BÜLL, P. L. G. “Contra-Antropologia, contra o Estado: uma entrevista com Eduardo Viveiros de Castro”. *Revista Habitus*, v. 12, p. 146, 2014.

CAMPOS, R. & DAHER, A. “A antropologia da natureza de Philippe Descola”. *Topoi* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 14, n. 27, p. 495-517, Dec. 2013. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2237-101X2013000200495&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2013000200495&lng=en&nrm=iso)>. access on 09 Sept. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/2237-101X014027013>.

FREITAS, P. L. T. de. “A tartaruga-descabelada: associações e fronteiras entre naturezas e culturas em um projeto de conservação”. UFES: Vitória, 2014. (Monografia, Bacharelado em Ciências Sociais).

GOLDMAN, M. “O fim da antropologia”. *Novos estud. - CEBRAP*, n. 89. São Paulo, Mar. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002011000100012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002011000100012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 17 jul. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002011000100012>.

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.**

LAGROU, E. & BELAUNDE, L. 2011. "Do mito grego ao mito ameríndio: uma entrevista sobre Lévi-Strauss com Eduardo Viveiros de Castro". *Sociologia e Antropologia*, 1(2):09-33.

LATOUR, B. "Jamais fomos modernos: ensaio de Antropologia simétrica". (Trad. Carlos Irineu da Costa) Rio de Janeiro: Ed.34. [1991] 1994.

LEVI-STRAUSS, Claude. "A lição de sabedoria das vacas loucas". *Estud. av.*, São Paulo, v. 23, n. 67, p. 211-216, 2009. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142009000300025&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142009000300025&lng=en&nrm=iso)>. Access on 10 Sept. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142009000300025>.

SZTUTMAN, R. "Natureza e cultura, versão americanista: um sobrevoo". *Ponto. Urbe (USP)*, v. 3, p. 1-18, 2009.

VAN VELSEN, J. "A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado". In: FeldmanBianco, B. (org.) 1987. *Antropologia das sociedades contemporâneas – Métodos*. São Paulo: Global.

VIVEIROS DE CASTRO. "Filiação Intensiva e Aliança Demoníaca", *Novos Estudos*, n. 77, março, São Paulo, 2007.

WAGNER, R. "A invenção da cultura". São Paulo, Edição Cosac & Naify Portátil, 2012.